ESPAÇO PEDAGÓGICO
ISSN on-line: 2238-0302
(cc) BY
Recebido: 09.12.2023 — Aprovado: 23.01.2024
https://doi.org/10.5335/rep.v30.15428

Freud e Adorno: Reflexões sobre Teoria Crítica, Educação e Psicanálise

Freud and Adorno: Reflections on Critical Theory, Education and Psychoanalysis

Freud y Adorno: Reflexiones sobre teoría crítica, educación y psicoanálisis

Francisco Fianco [1]

Resumo

O presente texto parte de uma reflexão contida no livro Mal-Estar na Civilização (1930) sobre as fontes do sofrimento humano que coincidem com a reflexão de Adorno e Horkheimer sobre o conceito de esclarecimento enquanto campos da dominação social através do discurso luminoso e científico da razão esclarecida. Por fim, apresentamos as reflexões de Adorno sobre a educação como mecanismo libertador na medida em que se constitua para a emancipação, quebra da dominação, ao invés da obediência, introjeção da dominação. Para tanto, utilizaremos os textos mencionados bem como comentadores nos momentos em que isso se mostrar pertinente.
Palavras-chave: natureza; dominação; alteridade; Teoria Crítica; Psicanálise, Educação.

Abstract

This text starts from a reflection contained in the book Civilization and its Discontents (1930) on the sources of human suffering that coincide with Adorno and Horkheimer's reflection on the concept of enlightenment as fields of social domination through the luminous and scientific discourse of clarified reason. Finally, we present Adorno's reflections on education as a liberating mechanism insofar as it constitutes emancipation, the breaking of domination, instead of obedience, the introjection of domination. To this end, we will use the texts mentioned as well as commentators when this is relevant.
Keywords: nature; domination; otherness; Critical Theory; Psychoanalysis, Education.

Resumen

Este texto parte de una reflexión contenida en el libro Mala-Estar na Civilização (1930) sobre las fuentes del sufrimiento humano que coincide con la reflexión de Adorno y Horkheimer sobre el concepto de ilustración como campos de dominación social a través de la razón luminosa y científica de la razón ilustrada. Finalmente, presentamos las reflexiones de Adorno sobre la educación como mecanismo liberador en la medida en que constituye emancipación, ruptura de la dominación, en lugar de obediencia, la introyección de la dominación. Para ello utilizaremos los textos mencionados, así como comentaristas cuando sea relevante.
Palabras clave: naturaleza; dominación; alteridad; La teoría crítica; Psicoanálisis, Educación.

Introdução

Nosso intuito aqui não é especificamente realizar uma abordagem filosófica de matriz frankfurtiana sobre a psicanálise como um todo ou mesmo sobre o mal-estar na cultura em especial, pois para isso tem-se não apenas o texto de Marcuse (2015) *Eros e*

—

[1] UPF, Passo Fundo/RS – Brasil. E-mail: fcofianco@upf.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4839-6759.

Civilização quanto os *Ensaios* de Adorno (2015) sobre psicologia social e psicanálise. Enquanto o primeiro realiza uma reinterpretação do texto social de Freud à luz da teoria marxista para torná-la de uma técnica de adaptação social em uma possibilidade libertária de reestabelecimento da autoridade do desejo e, o segundo faz uma análise de alguns elementos comuns à psicanálise e à sociologia, e mesmo da recepção liberal e capitalista da teoria freudiana através de psicanalistas americanos. Nosso objetivo aqui é, portanto, trazer luz a uma coincidência argumentativa e possível preocupação comum aos textos que serão abordados, *Mal-estar na Civilização* de Freud e o capítulo *O Conceito de Esclarecimento presente em Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer. O aspecto específico que aparece em ambos estes textos é o de que as três fontes de descontentamento da vida humana em sociedade poderiam ser alvos, em diversas medidas e formas de manifestação, das técnicas desenvolvidas pela civilização e pela cultura para diminuir o sofrimento humano aumentando o seu poder sobre a natureza como objeto de conhecimento mas que, neste processo, termina malogradamente por se instituir em um sofrimento maior ainda, além de um mecanismo de dominação social, ou seja, da natureza em si mesmo e no outro.

Uma consequência necessária desta reflexão é a respeito dos mecanismos de sociabilização dos sujeitos nesta cultura, pois, se o pressuposto para sua existência social é o sacrifício de suas pulsões imediatas e a sua sujeição aos mecanismos cerceadores da cultura, uma espécie de dominação, de que maneira podemos entender a educação como instituição humana senão como o prolongamento ritualizado desta dominação e quais as consequências desta educação entendida como mera introjeção da dominação externa? Não seria possível uma outra forma de pensar o processo de educação e sociabilização, que não fosse de acomodação e sim de desenvolvimento da postura crítica dos sujeitos?

Para isso, nossa argumentação se inicia com as fontes de sofrimento humano descritas por Freud em *Mal-estar na Civilização*, a saber, a fragilidade do corpo, a onipotência da natureza e a convivência com os outros. Na sequência, identificamos estas mesmas esferas de conflito na constituição da racionalidade científica moderna no espírito do esclarecimento, então com a necessidade de dominação da natureza enquanto alteridade pelas leis das ciências descritivas, pela dominação da natureza em si mesmo na forma de corporeidade, pelo estabelecimento da ética e da moralidade de fundo religioso e pela dominação da natureza no outro através do estabelecimento da ordem social enquanto economia e política. Em um último movimento, acompanharemos brevemente as reflexões de Adorno sobre a educação em seu texto *Educação para a emancipação*, especialmente a parte que reflete o papel da educação após Auschwitz.

1. A cultura como máquina de recalcamento

O texto de Freud começa com uma reflexão sobre o “sentimento oceânico”, dando continuidade aos argumentos já desenvolvidos sobre a possibilidade da religião ser entendida como uma neurose de massa que encontramos em *O Futuro de uma ilusão* (1927/2020), e culmina refletindo sobre os processos de recalcamento das pulsões tanto

afetivas quanto agressivas realizado pelos mecanismos de cultura a fim de melhor organizar os sujeitos dentro dos agrupamentos humanos. O texto destaca que tal recalcamento vai gerar um sentimento de culpa, um “mal-estar” como sugere o título, ou um descontentamento crônico, como evidencia a tradução clássica do título deste ensaio para o inglês. Nessa investigação sobre o sentimento de culpa, o texto se encerra com uma bela exposição sobre o processo de formação dos sentimentos morais e a importância do supereu como instância psíquica, elemento inovador na discussão moral que apenas com a psicanálise surgirá no horizonte de uma discussão no mais exageradamente idealista e racionalista. Mas todos estes argumentos já são bem conhecidos – e já foram muito mais adequadamente abordados – dado se tratar de uma obra clássica e uma das leituras mais indispensáveis da formação em ciências humanas. O que nos interessa aqui é a possibilidade de recapitular uma passagem menor, que, supomos, ecoa reinterpretada em textos importantíssimos para a Teoria Crítica, a saber, o *Conceito de Esclarecimento* em *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer e a análise filosófica da psicanálise em *Eros e Civilização* de Marcuse. O trecho ao qual nos referimos é uma passagem do capítulo II sobre as fontes da infelicidade humana:

> O sofrimento ameaça a partir de três lados: do próprio corpo que, destinado à decadência e à dissolução não pode nem mesmo prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; do mundo exterior, que pode voltar sua raiva contra nós com suas forças descomunais, implacáveis e destrutivas; e, finalmente, das relações com outros seres humanos. (FREUD, 1930/2020, p. 321)

Mas não nos precipitemos. Esboçaremos agora uma brevíssima recapitulação dos argumentos principais do texto de Freud que nos levam até este trecho. Como se sabe, a questão central do texto é a oposição entre desejo e cultura mas, como o começo da argumentação está tão próximo do texto sobre a religião, Freud começa questionando a função e a importância da religiosidade na constituição psíquica humana e conclui que esta tem tanta força porque é a única forma de expressão do pensamento humano que pretende responder definitivamente a grande questão filosófica sobre o sentido da vida.

> A questão sobre o propósito da vida humana foi colocada incontáveis vezes; ela nunca teve nenhuma resposta satisfatória, talvez sequer admita alguma. Muitos dos que colocaram a questão acrescentaram: se acontecesse de a vida não ter nenhum propósito, então ela perderia o seu valor. Mas essa ameaça não muda nada. [...] A religião é novamente a única a saber responder à pergunta a respeito de um propósito da vida. Dificilmente estaremos errados ao decidir que a ideia de um propósito para a vida venha diretamente do sistema religioso. (FREUD, 1930/2020, p. 319-320)

Percebemos neste trecho dois aspectos importantes: a) talvez a questão sobre o sentido da vida não admita jamais resposta satisfatória e b) talvez a própria ideia de um sentido já seja um mecanismo do pensamento religioso para, por assim dizer, criar a demanda para o produto que oferece, a resposta do sentido. Excetuando essa possibilidade metafísica de fundamentação, Freud se volta para motivos mais mundanos: “Notamos que é simplesmente o programa do princípio de prazer que determina o propósito da vida.” (FREUD, 1930/2020, p. 320) Ou seja, o que norteia os indivíduos em sua existência é a busca da satisfação pulsional que se desdobra em dois aspectos, por um lado buscar o

prazer e por outro evitar o desprazer. Na ausência do desprazer temos o bem-estar, na realização do prazer temos a felicidade. Mas não em forma de ataraxia ou beatitude, não como eudaimonia, e sim em termos bastante imediatos e concretos:

> O que chamamos de felicidade, no sentido mais rigoroso, provém antes da repentina satisfação de necessidades altamente represadas e, de acordo com a sua natureza, só é possível enquanto fenômeno episódico. [...] Com isso, nossas possibilidades de felicidade já estão limitadas pela nossa constituição. Há dificuldades muito menores para experimentar a infelicidade. (FREUD, 1930/2020, p. 320-321)

Daí decorre que a felicidade seja uma sensação efêmera, uma vez que consiste na satisfação imediata dos desígnios pulsionais, o que é exatamente o contrário da vida civilizada, sendo esta entendida como o processo de organização das pulsões afetivas e agressivas do ser humano em troca de uma certa segurança material. Mas também decorre daí que, se nossas possibilidades de prazer são tão exíguas e momentâneas, sobra bastante tempo e oportunidade para viver a experiência contrária à felicidade, ou seja, o desprazer. E sofremos tão fartamente porque ao contrário da fonte única do prazer, a imediata satisfação, as fontes dos desprazeres são múltiplas. Conforme citado acima, o sofrimento humano pode advir da fragilidade e impotência de seu corpo, fadado a fenecer em padecimento e desaparecer com o tempo, condenado à fragilidade a à finitude, como pode também ser oriundo de elementos externos, da natureza ameaçadora, das forças ctônicas contra as quais se batem os heróis das epopeias. A cultura, terceira origem do sofrimento, surge aqui como forma de mitigar a fragilidade do primeiro e a superioridade do segundo, que se imbricam enquanto natureza, mas traz consigo uma forma de padecimento mais sutil e portanto mais ferino, aquela da inexorável convivência com o outro, a incapacidade do ordenamento social de garantir ao mesmo tempo segurança e bem-estar aos que lhe estão sujeitados.

> O sofrimento que provem dessa fonte, talvez o sintamos de maneira mais dolorosa do que qualquer outro; somos inclinados a ver nele um ingrediente de certa forma supérfluo, mesmo que, em termos de destino, ele não pudesse ser menos inevitável do que os sofrimentos oriundo de outra fonte. (FREUD, 1930/2020, p. 321)

Aqui cabe um esclarecimento sobre a oposição dos termos cultura e civilização. Embora no contexto cultural da Viena de início de século XX exista uma diferença entre *Kultur* como expressão dos altos sentimentos abstratos referentes às elaborações metafísicas do pensamento alemão e *Zivilization* seja mormente empregada para designar os avanços científicos e tecnológicos predominantes nas sociedades que mais celeremente realizaram as suas revoluções industriais, como Inglaterra e França, Freud insiste em não reconhecer esta distinção, entendendo cultura humana como

> [...] todo o saber e a capacidade que os seres humanos adquiriram para dominar as forças da natureza e extrair desta seus bens para a satisfação das necessidades humanas; e no outro, todos os dispositivos necessários para regular as relações dos seres humanos entre si, e especialmente a distribuição dos bens acessíveis. (FREUD, 1927/2020, p. 234)

Essa recusa significaria, por parte de Freud, colocar-se acima da discussão que era empreendida nos ambientes filosóficos alemães que advogavam uma certa superioridade

da cultura germânica sobre a utilitarista civilização franco-inglesa. (IANNNI; TAVARES, 2020, p. 17). Essa negação que no fundo é uma afirmação se mostra acertada historicamente, já que é justamente essa característica do Romantismo alemão ligado a superioridade de sua cultura enquanto *Volksgeist* que inspiraria o nacionalismo que considerava tudo que era moderno e progressista como degenerado e que constituía em linhas gerais o pensamento do terceiro Reich. Aqui, para efeitos de continuidade da argumentação, entendemos, ainda que grosseiramente, a *Kultur* como Romântica e a *Zivilization* como Iluminista. Embora concordemos com a posição de Freud ao apontar o quão ambos os aspectos estão imbricados, é importante distinguir aquelas duas facetas do desenvolvimento humano, ainda que estejam ambas univocamente nomeadas, uma do desenvolvimento material e técnico e a outra da evolução dos mecanismos abstratos de organização dos homens em sociedade. A tecnologia e a moralidade. A civilização, portanto, toma para si a tarefa prometeica de livrar a humanidade do sofrimento que ela experimenta em relação à fragilidade do corpo e à onipotência da natureza. Mas, ao fazê-lo, joga a humanidade em uma forma de sofrimento ainda mais inescapável, o da existência coletiva.

> No que diz respeito às duas primeiras, nosso julgamento não pode oscilar por muito tempo; ele nos obriga a reconhecer essas fontes de sofrimento e nos entregarmos ao inevitável. Nunca dominaremos a natureza completamente; [...] De maneira diferente nos conduzimos em relação e terceira fonte, a social. [...], esbarramos em uma afirmação que é tão surpreendente que nela queremos nos deter. Ela enuncia que uma grande parte da culpa por nossa miséria é daquilo que chamamos de nossa cultura; [...]. (FREUD, 1930/2020, p. 333)

Freud elabora aqui uma das grandes intuições argumentativas do pensamento contemporâneo, aquela que associa a conquista cultural a uma renúncia pulsional, como bem ilustrado no texto *Sobre a conquista do fogo* (1932) e que, fazendo o movimento inverso, significa igualmente que toda conquista cultural vem acompanhada de sofrimento, ou, pelo menos de impossibilidade de felicidade enquanto esta for entendida como plena e imediata satisfação pulsional. Os primeiros atos da cultura são, portanto, de dominação da natureza a fim de diminuir o poder das duas primeiras fontes de sofrimento, a fragilidade do corpo e a potência da natureza. “Por meio de suas ferramentas, o ser humano aperfeiçoa os seus órgãos – motores, bem como sensoriais – ou remove os obstáculos para seu funcionamento.” (FREUD, 1930/2020, p. 338) Nesse movimento, a humanidade ergue-se como substituta daquelas divindades nas quais encarnou os poderes sobre a natureza nas mitologias do passado, ecoando aqui a argumentação da morte de deus pelo pensamento científico do famoso trecho de Nietzsche (2002, p. 147) Talvez o mal-estar aqui funcione da mesma forma que a ressalva nietzschiana de que na ausência de Deus a humanidade não tenha forças para colocar nada em seu lugar, aproximando mal-estar e niilismo. Ainda: a constatação de que o mito é já um prenúncio do esclarecimento e de que o esclarecimento se desenvolve nas sociedades modernas como uma forma de mitologia, nos permite perceber nessa dialética o retorno do mito primitivo no moderno sintoma do cientificismo (TIBURI, 2003, p. 67), da mesma forma que o psiquismo infantil ainda se faz presente no adulto e as formas arcaicas de representação dos primitivos ainda estejam em

funcionamento nos modelos de pensamento das sociedades modernas, como Freud postula no prefácio de *Totem e Tabu.* (FREUD, 1913/1996, p. 17).

Mas voltemos ao texto de Freud. Além da dominação da natureza, destaca-se na cultura a predileção por conceitos mais intangíveis, como a ordem, a beleza e a limpeza, o que torna o esforço da cultura um exercício obsessivo e, uma vez que focado na ordem, uma compulsão à repetição que tanto vai aproximar o pensamento científico do pensamento mítico como veremos mais adiante. “Beleza, limpeza e ordem ocupam, evidentemente, uma posição especial entre as exigências da cultura.” (FREUD, 1930/2020, p. 342) O último traço da cultura destacado por Freud é o da regulação das relações sociais, efetivamente o escopo principal de seu texto, onde se encontrará a necessidade e o amor (*Anankè kai Eros*) como fundamentos da sociabilidade, que depois vai se desenvolver como um problemático, mas até aqui inexorável, mecanismo de recalcamento das pulsões agressivas humanas associado a uma organização extrema das formas de manifestação de afeto e erotismo, delimitando as margens desse exercício agonístico que se dá cotidianamente entre repressão e desejo no seio da cultura. (MARCUSE, 2015, p. 42)

O texto de Freud evolui argumentativamente até a formação da consciência moral como oriunda das repressões da cultura, o Princípio de Realidade, através da introjeção das interdições que se dá no desenvolvimento do sentimento de culpa, terminando com a conclamação de que *Eros*, como potência criadora, seja reforçado na cultura a ponto de fazer frente ao potencial destrutivo de *Thanatos* enquanto pulsão de morte, uma conclamação tão urgente em 1929, enquanto ele escrevia o texto que seria publicado no ano seguinte, quanto hoje. Mas como nosso foco aqui é a percepção do desenvolvimento civilizatório e cultural como mecanismo de recalcamento e dominação social, passemos às considerações de Adorno e Horkheimer sobre o conceito de esclarecimento e o papel da ciência no desenvolvimento da racionalidade instrumental.

2. O conhecimento como mecanismo de dominação

A tarefa fundamental do conhecimento, segundo Adorno e Horkheimer (2010, p. 17), é “livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores”. Mas podemos ponderar: medo de que, senhores de quem? Como veremos ao acompanhar a argumentação dos autores, medo de tudo o que não seja ou não possa ser conhecido e senhores da natureza fora de si, em si e no outro. Nesse esforço, o Esclarecimento se impõe como conhecimento que tem a intenção de substituir o misticismo, o pensamento mágico e o obscurantismo da tradição, mas acaba por se tornar justamente aquilo que tentava combater, uma forma de dominação social disfarçada de mitologia. Retomando trechos das obras de Francis Bacon, os autores demonstram que a ideia central desta forma de conhecimento protocientífico é a dominação da natureza. Dessa maneira, percebemos que o sentido do conhecimento não é o desvelamento da verdade e sim o estabelecimento do método adequado de organização dos saberes e estruturação hierárquica dos poderes.

> O casamento feliz entre o entendimento humano e a natureza das coisas que ele tem em mente é patriarcal: o entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza

> desencantada. O saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. [...] O que os homens querem aprender da natureza é como emprega-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. (ADORNO; HORKHEIMER, 2010, p. 18).

Ou seja, não apenas dominação da natureza como uma profunda interdependência das ordens sociais e suas estruturas desiguais, em uma conivência pseudocientífica que por diversas vezes na recente história da humanidade serviu de base argumentativa para a dominação social, para a guerra de interesse econômico e para o genocídio como já havia sido apontado por Benjamin anteriormente, nos permitindo ver no texto sobre o esclarecimento ecos das teses benjaminianas sobre a história. (DUARTE, 2003, p. 40) Aqui já se descortinam os elementos principais desta equação que nos remete às fontes de sofrimento humano das quais falava Freud em seu texto sobre o mal-estar, a saber, a dominação da natureza e dos nossos semelhantes, chamando a atenção para o fato de que já no texto de Freud a ideia de que o conhecimento científico figure como uma espécie de método de desencantamento e dominação se faz presente, conforme podemos perceber no trecho que segue:

> Contra o temeroso mundo exterior não podemos fazer outra coisa a não ser defender-nos com um tipo de afastamento, se quisermos resolver a tarefa por nós mesmos. É evidente que existe outro caminho melhor, no qual, enquanto membro da comunidade humana, passamos a atacar a natureza com a ajuda da técnica guiada pela ciência e a submetermos à nossa vontade. (FREUD, 1930/2020, p. 322).

Novamente orbitamos ao redor do medo – “temeroso mundo exterior”, “livrar os homens do medo” – e da estratégia militarizada de sua domesticação – “atacar a natureza”, “submetermos à nossa vontade”, “posição de senhores”, “natureza desencantada”. Em ambas as argumentações, percebemos um rasgo primordial, o da separação radical (e fantasiosa) entre homem e natureza, entre civilização e barbárie, entre sujeito e objeto, eu e outro, que tantos problemas tem causado ao longo do desenvolvimento tardio da civilização ocidental. Desde a crise ambiental e o colapso econômico como profecias autorrealizáveis, da crise moral às dificuldades de nos entendermos como parte integrante da natureza (*physis*), as quais nos demoveriam das ações incautas capazes de gerar pandemias, desde o narcisismo epistemológico que crê na ciência como a panaceia soteriológica moderna até a atitude de regressão infantil e desconfiança da ciência nos negacionismos contemporâneos. “O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o seu poder.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2010, p. 21). No seu processo de desencantamento da natureza, o esclarecimento destrói o animismo, esvazia o mundo de sentidos preexistentes e abre espaço para uma imensa projeção antropomórfica como processo de conhecer. Em outras palavras: permite a projeção do subjetivo na natureza, e reduz toda a existência dos seres vivos a algo que se dá em relação ao olhar humano, seja para catalogação arbitrária, seja para exploração violenta. A atitude humana face a natureza, pautada pelo medo, é o enrijecimento, o congelamento, em um processo de mimese ineficiente, pois, ao querer tornar-se natureza, o esclarecimento termina por se enrijecer contra ela. Isto institui a divisão radical entre cultura e natureza, na qual esta é vista como ameaçadora ou nojenta, incontrolável, caótica.

> A dialética do esclarecimento, neste ponto, não poderia ser mais freudiana: o ego se forjou a partir dessa renúncia, na verdade fruto da repressão de viver o próprio prazer no seio da natureza. [...] Se a natureza aparece ao mundo civilizado como locus horrendus, fonte de todo o temor humano, a tentativa da civilização é de superá-la, o que de fato não ocorre, e a sociedade se torna a continuação do terror próprio da natureza enquanto o utiliza de maneira estratégica contra a natureza. (TIBURI, 2003, p. 94-95).

É o processo que transforma o mundo natural de espaço sagrado em recurso natural mediante a lógica da exploração. O desencantamento aqui operado é também a eliminação do mito como forma de explicação, ele também, o mito, uma elaboração que tinha como intenção livrar a humanidade do medo daquilo que desconhece. (DUARTE, 2003, p. 42) Se no mito as forças da natureza eram antropomorfizadas para que se pudesse melhor barganhar com elas, o que vai instituir o ritual das religiões como uma espécie de transação comercial com as divindades, o próximo passo é antropomorfizar as próprias metáforas, retirando-as do ambiente natural e fazendo-as repousar na capacidade humana de percepção. É o que conhecemos desde o pensamento do século XVII, seja na razão, seja nos sentidos, seja nas condições prévias de conhecimento que unem ambos, a possibilidade de conhecimento reside no homem e não nas coisas conhecidas que são meros objetos inertes, passíveis de manipulação e de tortura para revelarem seus segredos mais recônditos, para recuperar uma expressão de Bacon em um século de caça às bruxas.

> O esclarecimento é totalitário. Para ele, o elemento básico do mito foi sempre o antropomorfismo, a projeção do subjetivo na natureza. [...] Todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, ao sujeito. A resposta de Édipo ao enigma da Esfinge: “É o homem!” é a informação estereotipada invariavelmente repetida pelo esclarecimento, [...]. (ADORNO; HORKHEIMER, 2010, p. 19)

O mito que o esclarecimento sepulta é, de certa forma, ele mesmo uma manifestação arcaica da mesma intenção de dominação que anima o pensamento científico, pois além de livrar do medo do desconhecido, como observamos acima, o mito também se manifesta como revelação de verdade e vai se cristalizar posteriormente em ortodoxia defendida pela classe sacerdotal como mecanismo de instauração de obediência e dominação social. Nesse processo se distancia do pensamento mágico, pois este busca semelhanças e não a alienação total, e neste trecho os autores lembram a afirmação de Freud em *Totem e Tabu* (1913/1996)] sobre o pensamento primitivo e sua intenção de dominação total do mundo, muito próximo do sentimento oceânico com o qual se inicia o texto sobre o mal-estar, e mostram, Adorno e Horkheimer, que é justamente no espírito do conhecimento desencantado, e não no pensamento animista e mágico, que esta dominação total se realiza. (ADORNO; HORKHEIMER, 2010, p. 22) A relação entre mito e esclarecimento como mecanismos de explicação se retroalimenta. Na medida em que vai se desenvolvendo em estrutura de dominação social disfarçada de conhecimento científico imparcial, a ciência vai paulatinamente se afastando de seus critérios de comprovação empírica e se convertendo em uma espécie de cientificismo, quase como uma mitologia moderna. Esta mitologia é dotada de ritos e sacerdotes, de linguagem exclusivista, de uma

parafernália imagética que começa a ser desacreditada e atacada por setores ainda mais irracionais da existência contemporânea neste início de século XXI.

> Do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. Todo conteúdo, ele o recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita dos mitos. (ADORNO; HORKHEIMER, 2010, p. 23)

E nesse processo o esclarecimento desenvolve a igualação universal. Os mitos perdem seus conteúdos próprios para serem entendidos como um conjunto de relações. A natureza se torna matéria. A igualação do não igual faz com que nada possa ser idêntico a si mesmo, em um processo que não é apenas gnosiológico, mas se evidencia mais claramente na estrutura social, dentro da qual cada indivíduo consiste apenas em um feixe de relações com outros indivíduos. Isso o torna tanto mais substituível quanto mais ele puder ser adequado aos princípios universais de organização que nossa cultura sói chamar de normalidade. O conhecimento como dominação está presente na história da humanidade desde muito cedo, tanto que pode ser percebida mesmo no esforço civilizatório dos indo-europeus, com sua estruturação social militarizada que daria berço à ideia de divindade única e imperialista, racional e solar, a expulsar e demonizar as potências locais ligadas à natureza indomada. “Os deuses ctônicos dos habitantes primitivos são banidos para o inferno em que se converte a terra, soba a religião do sol e da luz de Indra e Zeus.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2010, p. 18) A dominação da natureza pela lógica totalitária da racionalidade iluminista, longe de ser um desenvolvimento tardio da civilização ocidental, está presente desde seus primórdios, portanto, e sempre como forma de discurso legitimador da dominação social travestido de verdade.

> Tanto o mito quanto a racionalidade podem ser remetidos à lei da igualdade, da equivalência, segundo Horkheimer e Adorno, um princípio básico do predomínio burguês, o qual se originou na mais remota pré-história e se desenvolveu conjuntamente com todo o processo de dominação da natureza pelo homem e do homem pelo homem. (DUARTE, 2003, p. 43)

Se atentarmos, portanto, para a história do pensamento, perceberemos o quanto esta dominação do outro fora de mim, a natureza, que estabelece os primeiros esboços de conhecimento na mitologia depois racionalizados filosoficamente pelos pré-socráticos, evolui para a dominação do outro em mim, da natureza que me é subjacente, ou seja, o corpo. Esse processo de dominação instaura todo o esforço de autocontrole da corporeidade e das paixões com a problemática do dualismo psicofísico que surge com o pensamento socrático-platônico, se desenvolve através da teologia e culmina com o padecimento psicofísico da histeria sob o pesado jugo da moral vitoriana na passagem do século XIX para o XX. É a instauração da ética e da moralidade como exercícios de autoflagelo. É o processo de desenvolvimento de um amor-ódio ao corpo que pode evoluir para um amor-ódio ao outro (TIBURI, 2003, p. 64, 73), à diversidade, à diferença, em um esquematismo de organização do mundo que, se só reconhece como digno o que é identidade, desenvolve-se afetiva e cognitivamente em solipsismo narcisista.

O último passo da dominação é a natureza no outro, ou seja, a política e a sociologia, a educação instrumental, processos através dos quais os outros, os subalternos, os inferiores, os dominados, são purificados de seus elementos dissonantes e normatizados, formados e formatados para aquela fungibilidade universal que é o grande projeto do mundo esclarecido, o da anulação radical das diferenças e da naturalização da obediência.

> O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. (ADORNO; HORKHEIMER, 2010, p. 35)

No seu esforço de compreensão do mundo para a instauração da soberania humana o esclarecimento se comporta da mesma forma e traz a mesma problemática daquela categorização freudiana da origem do sofrimento. Se lá a humanidade aceita a terceira fonte de sofrimento, a relação com os demais, como forma de apaziguar a primeira e a segunda, a fragilidade do corpo e a onipotência da natureza, aqui a barganha viciosa do contrato é muito próxima, pois para instauramo-nos em senhores da natureza externa terminamos por violentar no corpo a natureza interna e nos nossos semelhantes a natureza enquanto pluralidade.

3. Educação como dominação

Adorno em particular, e a teoria crítica da escola de Frankfurt em geral, identificaram na sociedade contemporânea o que eles chamaram de ‘mundo administrado’, ou seja, uma organização social e ideológica que não precisa mais se justificar, pois eliminou de uma vez por todas a possibilidade de crítica através de um processo de embrutecimento da subjetividade humana operado através, principalmente, dos meios de comunicação em massa. A vida humana, nesse contexto, segue sendo explorada como mercado consumidor e permanece artificializada. Adorno aborda esse processo em diversos aspectos na obra *Minima Moralia*, “uma fascinante coleção de aforismos e fragmentos que abordam, de modo entrelaçado, temas da ética, da cultura, da sociedade, do conhecimento, da psicologia e, naturalmente, da estética” (DUARTE, 2003, p. 102). O subtítulo da obra, “Reflexões a partir da vida danificada”, não deixa dúvidas a respeito do caráter ao mesmo tempo intimista da escrita e do forte espectro crítico ao mundo administrado que vem a danificar esta vida tão frágil.

Mas é principalmente nos textos *Educação após Auschwitz* e *Educação e Emancipação* que ele irá propor uma alternativa para essa realidade, a construção de uma consciência e de uma subjetividade críticas, aptas a se oporem a tal processo de embrutecimento das relações e empobrecimento da vida, um processo que passa, inegavelmente, pela educação. Escrito nitidamente sob o impacto da barbárie que eclodiu de dentro da civilização durante a Segunda Guerra Mundial, com seus assassinatos, perseguições, extermínios, genocídios, como se o próprio fato da guerra não fosse suficiente, estes textos, ambos presentes na coletânea de textos que leva o nome do

segundo dentre eles que citamos acima, argumentam conjuntamente a fim de reforçar a importância da educação crítica para prevenir novos flagelos para a humanidade no futuro.

> Desde as reflexões de Adorno está posta em cena uma filosofia após Auschwitz que vive sob o paradoxo da impossibilidade de uma filosofia-após-Auschwitz e que impõe categoricamente o fardo pesado de uma autocrítica. [...] Em poucas palavras: se Auschwitz é obra da cultura e da barbárie, haverá ainda alguma diferença entre elas? (TIBURI, 2003, p. 123)

Ao afirmar que a finalidade maior da educação é garantir que os horrores dos campos de concentração não se repitam, Adorno coloca a educação como o canal adequado de ação e de transformação do mundo dentro dos parâmetros da teoria crítica, de maneira que só ela possa construir um novo modelo de ser humano, uma nova sociedade e com ela um novo mundo. A esperança de Nietzsche quanto ao caráter libertador do pensamento ocasionado pelo fim da metafísica, em sua obra tão bem ilustrada pelo episódio da morte de Deus, que poderia abrir caminho aos espíritos livres, aos livres pensadores, se desfaz juntamente com a esperança de Benjamin de que a reprodutibilidade das obras de arte poderia democratizar a cultura. O que se verifica é a democratização da estupidificação, da qual a indústria cultural detém o monopólio que, ao deixar desvelar sua estrutura, revela que ela não é outra coisa senão a padronização, a comercialização, que retira da arte seu caráter de obra e atribui-lhe o de mercadoria.

Assim, o que se poderia esperar de uma democratização das obras de arte ou da cultura em geral, que seria um aumento na capacidade cultural da população inteira, ou na maioria da população, contrapondo-se à cultura como um privilégio de algumas elites, não acontece efetivamente. O que acontece é uma estupidificação da sociedade como um todo disfarçada de esclarecimento, gerando no máximo, através da dominação das instâncias subjetivas dos indivíduos, a produção do que Adorno vai chamar de semicultura, ou seja, a formação intelectual parcial de uma grossa camada da população que não tem, a partir de tal formação, a capacidade crítica e intelectual de pensar de forma independente e que se torna, por fim, presa fácil de um esquema social veiculado pela ideologia da indústria cultural (DUARTE, 2001, p. 441-457). Dessa maneira, a pretensa liberdade de pensamento e de manifestação cultural serve como justificativa para a estupidificação crescente e se torna o símbolo da falsa emancipação do sujeito. (ADORNO, 1970, p. 15).

A despeito de nunca na história da humanidade existir tantos meios de acesso aos bens culturais, a capacidade para processar inteligentemente estes bens culturais e seus respectivos conteúdos sofre gradual e progressivo enfraquecimento. Isso é provocado por uma crise nos meios de formação cultural, que por sua vez é o indício de uma crise mais ampla dentro da própria cultura. E tal crise é exemplificada pelo fato de que um relativo nível cultural não impede as pessoas de compactuarem com a barbárie, de maneira que cultura, no sentido de acúmulo de conhecimento, não é pressuposto de autonomia intelectual ou capacidade crítica.

Nesse sentido, a cultura não pode ser “santificada”, ou seja, sua simples existência não seria garantia suficiente de uma sociedade racional. Pelo contrário, a própria crença ingênua nessa possibilidade já configura por si só um indício de semicultura, pois

conhecimentos sem reflexão não transformam os sujeitos da mesma maneira que nível cultural sem modificação social não transformaria a vida das pessoas das classes mais populares, que padecem dessa semicultura através dos meios de comunicação de massa que dão ao povo não cultura no sentido tradicional, e sim apenas o suficiente para entretenimento e instrumentalização.

A instrução técnica, amplamente distribuída para a população mediante os interesses das classes dominantes desde o séc. XIX, não tem como finalidade o desenvolvimento cultural de seus receptores, e sim a sua maior empregabilidade como mão-de-obra acrítica. Isso não apenas destrói a capacidade crítica subjetiva como sedimenta a ideia de que a cultura humanística, no sentido tradicional, é algo que cria obstáculos ao progresso da humanidade, ou seja, gera o menosprezo da cultura em seu sentido mais originário para transformar a capacidade intelectual humana apenas em capacidade de dominação racional e técnica da natureza. A semicultura, o excesso de informação recebida passivamente, substitui o verdadeiro esclarecimento, a construção de um espírito crítico. (DUARTE, 2003, p. 93).

E a própria cultura não pode ser encarada meramente enquanto mascaramento do inaceitável na presente estrutura da nossa sociedade, pois assim ela desempenha um papel precioso para o mantenimento do estado em que se encontra a civilização, transformando-se, essa cultura que poderia produzir um esclarecimento e uma nova aurora para a humanidade, em ideologia a serviço das classes dominantes e da exploração econômica das atuais condições da existência.

> Entre os temas da crítica da cultura, o da mentira é de longa data central: que a cultura simula uma sociedade digna do homem, que não existe; que ela encobre as condições materiais sobre as quais se ergue tudo o que é humano; e que ela serve, com seu consolo e apaziguamento, para manter viva a má determinação econômica da existência. Essa é a concepção de cultura como ideologia, tal como a possuem em comum, à primeira vista, a doutrina burguesa do poder e seus adversários, Nietzsche e Marx. (ADORNO, 1995, p. 36)

A cultura, a arte, a filosofia, se encaradas como as mais sublimes das capacidades humanas, são a única esperança de redenção do mundo a partir do atual estado de coisas. Desistir disso é entregar o futuro da humanidade ao domínio da técnica e todas as consequentes decorrências da racionalidade ensandecida e da instrumentalização de todos os aspectos da existência. Assim como a beleza é promessa de felicidade, mais do que algo dado, a cultura deve ser encarada sempre como uma promessa de continuidade, como uma derradeira esperança. “O fato de que a cultura tenha fracassado até os dias de hoje não é uma justificativa para que se fomente o seu fracasso, [...].” (ADORNO, 1995, p. 37). E a educação é o caminho apontado por Adorno para que a barbárie não retorne ao mundo.

> A exigência de que Auschwitz não se repita é primordial em educação. Ela precede tanto a qualquer outra, que acredito não deva nem precise justificá-la. Não consigo entender por que se tem tratado tão pouco disso até hoje. Justificá-la teria algo de monstruoso ante a monstruosidade do que ocorreu. [...] Qualquer debate sobre ideais de educação é vão e indiferente em comparação com este: que Auschwitz não se repita. Aquilo foi a barbárie, à qual toda educação se opõe. Fala-se de iminente recaída na barbárie. Mas ela não é iminente, uma vez que Auschwitz foi a recaída. Esse é que é todo o horror. A pressão

> social perdura, não obstante a invisibilidade do perigo hoje. Ela impele as pessoas ao inenarrável que, em escala histórico-universal, culminou em Auschwitz. (ADORNO, 1997, p. 104-123).

A seriedade de tal acontecimento, segundo Adorno, se deve ao fato de que não foi um fato isolado na história da humanidade, uma simples anomalia histórica que pode ser facilmente superada pela cultura, e sim um processo que denota a barbárie como uma tendência social poderosa, como uma acontecimento planejado e plenamente integrado à marcha do progresso da civilização ocidental, com origens entranhadas não apenas nos fatos e nos contextos socioculturais ou econômicos que lhe possibilitaram acontecer, e sim na estrutura psicológica tanto dos homens que comandaram tal barbárie quanto das massas que passivamente compactuaram com ela. Tal episódio mostra a barbárie como algo escondido no seio da própria cultura, evidenciando a relação dialética de ambos estes polos. Justamente por isso, uma educação capaz de garantir que Auschwitz não se repita deve começar na infância, especialmente na primeira. E mesmo o espírito autoritário, que pode ser apontado como responsável pela possibilidade de uma atrocidade como esta, não é suficiente para explicá-la. O que seria necessário, efetivamente, seria uma capacidade de autoafirmação que funcionasse como antídoto à tendência das pessoas de se deixarem se levar pelos movimentos de massa, nos quais os meios de comunicação têm uma especial capacidade de penetração, especialmente entre as camadas mais baixas e menos esclarecidas da população.

> A única força verdadeira contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, se me for permitido empregar a expressão kantiana; a força para a reflexão, para a autodeterminação, para o não se deixar levar. [...] Antes de mais nada, será preciso ocupar-se do impacto produzido pelos modernos meios de comunicação em massas sobre um estado de consciência que ainda não alcançou, nem de longe, o liberalismo cultural burguês do século XIX. (ADORNO, 1997, p. 104-123).

O ideal de educação como um exercício de dureza, de resistência à dor, é um equívoco que apenas reforça a possibilidade de uma repetição. Um indivíduo educado para a dureza não diferencia a dor própria da dor alheia, e aprende sempre a ser indiferente a elas. Assim, o que tal mecanismo ensina é que quem pode lidar com a sua própria dor está habilitado a infligir a dor aos outros, e realmente o faz, como maneira de vingar-se da sua dor que teve que silenciar. Importante para a cultura é que tal mecanismo sadomasoquista seja explicitado, bem como se elabore uma educação que deixe de punir com a dor ou premiar a capacidade de suportá-la.

> Em outras palavras, a educação deveria levar a sério uma ideia que de nenhum modo é estranha à filosofia: a angústia não deve ser reprimida. Quando a angústia não é reprimida, quando o indivíduo se permite realmente ter tanta angústia quanto esta realidade merece, então, provavelmente, desaparecerá grande parte do efeito destrutivo da angústia inconsciente e protelada. (ADORNO, 1997, p. 104-123).

A identificação exagerada das pessoas com a coletividade as transforma em coisa, possibilitando-lhes tratar as demais pessoas também como uma massa anônima de coisas. O acontecimento da barbárie se relaciona com a estrutura autoritária e coletivista da sociedade.

> Eu sustento que o mais importante para evitar o perigo de uma repetição é contrapor-se à cega supremacia de todas as formas do coletivo, fortalecer a resistência contra elas enfocando o problema da coletivização. (ADORNO, 1997, p. 104-123).

Essa característica é própria do caráter manipulador, uma tendência à objetividade, à coisificação, à consciência coisificada. Definem-se através de coisas, de regras de eficiência, e não titubeiam a definir como coisas as outras pessoas e mesmo o mundo inteiro da alteridade. Esse caráter tem um quê de autoritarismo, de mania de organização, de ter acesso às experiências pessoais de forma apenas mediatizada, ausência de emoção e conformismo com a realidade, culto da eficiência e da atividade incessante, ainda que irreflexiva.

Isso deixa entrever que a relação da consciência coisificada com o mundo passa pela sua relação com a técnica que, através do excesso de um "véu tecnológico" que tudo permeia, ganha algo de irracional e patológico. Dessa maneira, a sociedade e sua estruturação não servem ao único propósito que lhe justificaria, a dignidade da vida humana, e sim à perseguição de interesses particulares e egoístas. Através de seu profundo arraigamento na civilização ocidental, fundamenta a sociedade há milênios não no encanto e na atração entre os seres humanos, e sim na perseguição do interesse próprio, desconsiderando friamente tanto o interesse dos demais quanto o equilíbrio da estrutura como um todo.

> Finalmente, toda e qualquer educação política deveria centralizar-se na necessidade de impedir que Auschwitz se repita. Temo que as medidas que pudessem ser adotadas no campo da educação, por mais abrangentes que fossem, não impediriam que voltassem a surgir os assassinos de escritório. Mas que haja pessoas que, subordinadas como servos, executem o que lhes mandam, com o que perpetuam sua própria servidão e perdem sua própria dignidade, [...], contra isso pode-se fazer alguma coisa pela educação e pelo esclarecimento. (ADORNO, 1997, p. 104-123).

Por isso o temor de Adorno, de que tal comportamento esteja tão incrustado na estrutura política da sociedade que não possa ser extirpada a possibilidade do horror a partir de uma organização do estado, e sim, o que deixa entrever o compromisso da filosofia para a transformação das mentalidades por meio da educação, através de um esclarecimento que impeça que as ordens emitidas pela barbárie sejam obedecidas. Uma educação crítica, voltada para a reflexão autônoma e não para a obediência cega.

Considerações Finais

Uma leitura precipitada de textos como Mal-Estar na Civilização ou mesmo a Dialética do Esclarecimento podem dar a entender um esforço anticultural ou anticivilizatório, ou mesmo uma defesa saudosista do romantismo sobre o movimento progressista do iluminismo, mas nos cumpre sempre alertar para os perigos de uma posição tão simplista. Não é o caso de voltarmos a morar nas cavernas, pois isso, já alertava Freud no texto em questão, nos seria impossível, tampouco se trata de um abandono da civilização em sua forma Iluminista, pois a sua alternativa seria ou o absolutismo que a

precedeu ou a barbárie que talvez venha a substituí-la. (ROUANET, 1993). Cumpre um raciocínio mais sutil, não o abandono da civilização, mas a sua dialética efetiva, que permita erigir o pensamento como antítese ao real, obrigando este a abandonar as suas sombras da razão e suprassumir-se como projeto humano de vida e liberdade. Em outras palavras, não a barbárie como utopia negativa – distopia realizável – de um mundo sem nenhuma repressão e sim o de uma cultua com, senão o mínimo de repressão possível, pelo menos com menos repressão do que a sociedade atual carrega (MARCUSE, 2015), com suas neuroses e adoecimentos, com suas violências cotidianas e chacinas em escolas.

Outro risco da argumentação crítica é o fomento de argumentações antiracionalistas, anticientíficas, negacionistas, extremismos de matiz violenta tanto no âmbito político quanto subjetivo, como teorias conspiratórias ou a retomada dos velhos preconceitos que nunca morrem, como o racismo e xenofobia, sempre escondidos nos cantos da terra plana. É justamente para que se possa fazer uma crítica coerente do real, como forma de impedir a sua cínica repetição, que a educação como elemento libertador e provocativo se faz tão necessária. Assim como concebe a arte, Adorno nos mostra a importância da educação como um elemento de dissonância, ou seja, capaz de desvelar as antinomias do real, as contradições da realidade social, suas mazelas, suas injustiças, suas barbáries veladas, disfarçadas, envernizadas. Destas todas, nos parece, uma das mais perigosas é a da obediência, esse desejo insano pela aprovação do olhar de um pai tirânico que pede que os sujeitos se constituam na concordância e na indiferença, no prazer da violência recebida que logo será compartilhada, neste esquema sadomasoquista chamado ordem e disciplina. É justamente para concordar com o fim do texto de Freud que desenvolvemos os argumentos frankfurtianos sobre a dominação e a educação, fazer Eros vencedor de Thanatos através da rebeldia que vence a obediência cega e permite que o mecanismo cultural dê espaço às multiplicidades e às individualidades humanas, à todas estas pequenas idiossincrasias que tornam único e digno cada um de nós.

Referências

ADORNO, Theodor W. *A Crítica da Cultura da Sociedade*. *In*: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max; MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade*. Lisboa: Presença, 1970, p. 7-43.

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

ADORNO, Theodor W. *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise.* Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia:* Reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bica. São Paulo: Ática, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: Fragmentos Filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010.

DUARTE, Rodrigo. *Mundo "Globalizado" e Estetização da Vida.* In: OLIVEIRA, Newton Ramos de; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (orgs.). Teoria Crítica, Estética e Educação. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Editora Unimep, 2001, p. 27-42.

DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). *In*: *Cultura, Sociedade, Religião:* O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 233-297.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). *In*: *Cultura, Sociedade, Religião:* O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 305-410.

FREUD, Sigmund. Sobre a conquista do fogo (1932). *In*: *Cultura, Sociedade, Religião:* O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 411-420.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1913). *In*: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIII.* Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 13-162.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. Cultura e Civilização: Semântica e Política. In: *Cultura, Sociedade, Religião:* O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 15-26.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização:* Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A Gaia Ciência.* Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral*: Uma polêmica. [Zur Genealogie der Moral.] Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal-Estar na Modernidade.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TIBURI, Marcia. *Uma outra história da razão e outros ensaios.* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

Como citar este documento:

FIANCO, Francisco. Freud e Adorno: reflexões sobre Teoria Crítica, Educação e Psicanálise. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 30, e15428, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.5335/rep.v30.15428.